



A IMPORTÂNCIA DA MEDICINA PARA O ESTUDO DAS PAIXÕES NA DOCTRINA DE DESCARTES

JULIANA DA SILVEIRA PINHEIRO¹

RESUMO: O objetivo deste artigo é mostrar que o corpo, tanto quanto a alma, é fundamental para entendermos a psicologia cartesiana e que, neste sentido, devemos nos remeter à medicina, visto que é ela a área de estudo que se ocupa do estudo anatômico do corpo e das suas funções. É nisto que, ao nosso ver, consistirá a especificidade da teoria cartesiana das paixões: fomentar uma psicologia apoiada na fisiologia, sem, no entanto, negar às emoções uma experiência subjetiva. Dessa forma, Descartes contribui para a construção do caminho de uma psicologia não puramente metafísica e tampouco totalmente empírica, mas de uma ciência da alma que se apoia na medicina do corpo.

PALAVRAS-CHAVE: Medicina. Psicologia. Paixões. Corpo. Descartes.

ABSTRACT: The aim of this article is to show that the body, as much as the soul, is essential for understanding Cartesian psychology, and in this sense, we must refer to medicine, since it is the field of study that deals with the anatomical study of the body and its functions. This is how, in our view, the specificity of Cartesian theory of passions will consist: fostering a psychology grounded in physiology, without denying emotions a subjective experience. Thus, Descartes contributes to the development of a psychology that is not purely metaphysical nor entirely empirical, but rather a science of the soul that relies on the medicine of the body.

KEYWORDS: Medicine. Psychology. Passions. Body. Descartes.

A doutrina cartesiana das paixões nasce no contexto dualista e de união substancial, pelo qual se explica a interação entre as substâncias pensante e extensa, caracterizada por movimentos voluntários em nosso organismo, como a movimentação dos braços, assim como por percepções causadas pelo corpo, dentre as quais se encontram nossas emoções. Segundo essa perspectiva, as paixões², enquanto eventos da mente, são pensamentos e, como tais, imateriais, porém possuem sua gênese na matéria. A filosofia de Descartes procurará, portanto,

¹ Professora adjunta no Departamento de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Santa Cruz – UESC. Doutora em Filosofia na Universidade Federal de Minas Gerais, com estágio doutoral na Université Panthéon-Sorbonne, Paris I. E-mail: jspinheiro@gmail.com.

² “Paixões”, no contexto cartesiano, podem ser entendidas em dois sentidos, dependendo do momento em que o termo aparece nos textos: um sentido mais amplo, que engloba tanto as emoções, como as sensações e os apetites; e um sentido mais estrito, que diz respeito somente às emoções. Neste artigo, estamos usando “paixões” no sentido mais específico.

pensar as paixões enquanto resultantes da relação da alma e do corpo neste contexto dualista radical, pelo qual, corpo e alma são substâncias completamente distintas.

Se consideramos a psicologia³ como um estudo da *psykhé* (a alma), ou seja, como uma ciência da mente e de seus eventos, as paixões, do ponto de vista cartesiano, enquanto são eventos de uma alma imaterial, deveriam ser estudadas pela introspecção, ou seja, uma inspeção subjetiva dos processos mentais, na medida em que não podemos observar empiricamente o que se passa na alma. Nesta perspectiva, a doutrina das paixões de Descartes resguardaria aspectos metafísicos, por conceber a mente como não-física, como muitas vezes, atribuiu-se à psicologia cartesiana.

Nas *Meditações*, nos *Princípios da Filosofia*, em algumas cartas trocadas com seus interlocutores e, principalmente, nas *Paixões da Alma*, Descartes concebe as paixões como eventos da alma causados pelo corpo, explorando-as como efeitos imediatos produzidos na mente como resultado de estar unida a esse corpo. A paixão não é, portanto, um pensamento que a própria mente cria; como percepção, ela é uma afecção do espírito, isto é, é uma modificação passiva da alma, indicando a recepção de uma ação externa à mente, e não uma produção mental. Entretanto, ao apresentar um entendimento de que as paixões são pensamentos causados pelo corpo, requer que, para compreendê-las em sua gênese, seja necessário considerar a sua etiologia somática. Isto é, a psicologia cartesiana deverá considerar, além da alma, também o corpo. Fazendo isso, movemo-nos para um objeto de estudo que, cartesianamente falando, pertence a outro domínio ontológico, com atributos completamente distintos da alma. Enfatizando esta outra substância constituinte da produção das paixões, a psicologia cartesiana mostrar-se-á interessada nas bases fisiológicas das emoções, o que acarretará uma ciência também preocupada com o físico, perdendo o caráter preponderantemente metafísico.

O que pretendemos mostrar neste artigo é que o corpo, tanto quanto a alma, é fundamental para entendermos a psicologia cartesiana e que, neste sentido, devemos nos remeter à medicina, visto que é ela a área de estudo que se ocupa do estudo anatômico do corpo e das suas funções. Descartes afirma no *Discurso do Método*: “o espírito depende tanto do temperamento e da disposição dos órgãos do corpo que, se é possível encontrar algum meio que torne comumente os homens mais avisados e mais hábeis do que foram até aqui, creio que é na

³ Descartes, ele mesmo, nunca usou o termo “psicologia”. Em certo sentido, seria um anacronismo utilizar este termo no século XVII, uma vez que a psicologia, enquanto disciplina científica experimental, apenas surgiu no século XIX. Por outro lado, concedemo-nos o direito de falar da “psicologia cartesiana” no sentido etimológico do termo – “estudo da alma, da *psykhé*” –, e isto, não somente Descartes, como muitos filósofos antes dele realizaram.

Medicina que se deve procurá-lo”⁴ (DESCARTES, 1987b, p.63).⁵ Nossa tarefa nesse artigo não tratará, portanto, de discutir as dificuldades de explicar a relação entre corpo e alma no pensamento cartesiano, pelo fato disso já ter sido extensivamente discutido por muitos estudiosos. Nosso objetivo será o de avaliar uma das contribuições de Descartes, nesse caso, a da medicina, para a construção de uma psicologia, na medida em que convém utilizar os estudos de fisiologia e anatomia, ou seja, o conhecimento do funcionamento e da estrutura do corpo, pelos quais podemos compreender mais detalhadamente como se originam as paixões, na medida em que este processo nada mais é do que a ideia de que a partir de movimentos físicos desencadeiam-se percepções na alma.

É verdade que a doutrina cartesiana das paixões envolve outros aspectos metafísicos e morais, como a necessidade do recurso a Deus para estabelecer a manutenção do composto corpo e alma, e um discurso sobre o regramento da paixão, através da prescrição de valores e usos, com a finalidade de uma conduta moral. Porém, neste texto, vamos colocar uma lupa sobre uma dessas vinculações necessárias para a compreensão das paixões. Nossa perspectiva não se deterá em questões morais, como frequentemente se encontra nos estudos a esse respeito, mas em como o estudo das paixões se conecta com a medicina, porque são eles que permitem investigar e discutir os aspectos somáticos da teoria cartesiana das paixões, já que são eles que possibilitam um conhecimento da sua gênese. Esta perspectiva, que decorre da postura do *physicien*, o “cientista das paixões”, como Descartes pretende ser, trata, em princípio, da análise das bases fisiológicas das paixões, e não de seus usos e valores. É o que denominamos a tese somática das paixões⁶. Em resumo, o caminho trilhado pelo *physicien*, investiga a etiologia somática da paixão, atribuindo ao corpo um papel determinante ou, pelo menos, conferindo-lhe a predisposição do que sentimos. Muito embora a intenção do *physicien* acabe encontrando seus limites em considerações morais, o que pretendemos fazer é chamar a atenção para o ingrediente somático, pois é nele que vemos, apesar de ser frequentemente ignorado, a maior contribuição de Descartes na investigação sobre as paixões — tanto pelos detalhamentos da sua tese somática que fazem diferença em relação à história dos tratados sobre paixões, quanto por buscar, ao seu modo, um tratamento mais científico desse estudo.

A tese somática consiste em compreender que, não obstante nossa alma faça considerações sobre quão nocivos ou benéficos são os eventos, pessoas e coisas no mundo, o

⁴ “L'esprit dépend si fort du temperament et de la disposition des organes du corps, que s'il est possible de trouver quelque moyen, qui rende communément les hommes plus sages et plus habiles qu'ils n'ont été jusques ici, je croy que c'est dans la Médecine qu'on doit le chercher” (DESCARTES, AT VI, p. 62).

⁵ Optamos por apresentar traduções das citações de Descartes ao longo do texto e manter o original em rodapé.

⁶ A expressão “tese somática” é utilizada por Kambouchner, 1995, p.91.

movimento corpóreo está sempre implicado no surgimento das emoções que sentimos. Isto é, toda paixão, só é paixão, porque o corpo é intermediário para o seu surgimento. A sua estrutura anatômica, com seus nervos, cérebro, órgãos e glândulas, bem como sua fisiologia, também contribui para o que sentimos. Ou seja, são a sua base biológica. Isso significa dizer que a paixão não é apenas uma experiência da alma, mas também um resultado do que acontece no corpo.

Mais especificamente do que serem causadas pelo corpo, no sistema cartesiano, as paixões são causadas pelo movimento dos espíritos animais, de modo que leva a Descartes dizer que, em geral, as percepções chegam à alma através dos nervos. (DESCARTES, AT XI, p.345). Esta definição da paixão já havia sido esboçada numa das cartas de Descartes à Princesa Elisabeth, de seis de outubro de 1645:

Pode-se, em geral, nomear paixões todos os pensamentos que são excitados na alma sem o concurso de sua vontade e, por conseqüência, sem qualquer ação que venha dela, pelas únicas impressões que estão no cérebro, pois tudo o que não é ação é paixão. Mas restringe-se, ordinariamente, este nome aos pensamentos que são causados por qualquer agitação particular dos espíritos.⁷ (DESCARTES, AT IV, p.310, tradução nossa).

Na biologia de Descartes⁸, tais espíritos são partículas corporais surgidas do sangue que se desloca ao cérebro por intermédio dos nervos, entrando na glândula pineal, a principal sede da alma. De acordo com a doutrina cartesiana, embora a alma esteja unida a todo o corpo, há nele alguma parte em que ela exerce suas funções mais particularmente do que em todas as outras, mas pensa-se comumente que esta parte é o cérebro, ou talvez o coração. No entanto, Descartes reconhece que a parte do corpo em que a alma exerce imediatamente suas funções não é de modo algum o coração, nem o cérebro todo, mas somente a mais interior de suas partes, que é uma certa glândula muito pequena, situada no meio do cérebro. Por estar suspensa por cima do conduto por onde os espíritos animais saindo de suas cavidades anteriores mantêm comunicação com os da posterior, os menores movimentos que acontecem nesta glândula podem contribuir muito para modificar o curso desses espíritos, e, reciprocamente, as menores modificações resultantes do curso dos espíritos podem contribuir muito para alterar os movimentos dessa glândula. (DESCARTES, AT XI, p.351-352).

Deste modo, através da glândula pineal, a alma e o corpo agem um sobre o outro, pois “é também através dela que recebe as excitações provenientes da sensibilidade”. (SILVA, 1993,

⁷ “On peut generalmente nommer passions toutes les pensées qui sont ainsi excitées en l’ame sans le concours de sa volonté, et par consequent, sans aucune action qui viene d’elle, par les seules impressions qui sont dans le cerveau, car tout ce qui n’est point action est passion. Mais on restraint ordinairement ce nom aux pensées qui sont causées par quelque particuliere agitation des esprits.” (DESCARTES, AT IV, p.310).

⁸ A ideia dos “espíritos animais” é um componente presente na medicina da época, não apenas na concepção de Descartes, herdada, com os devidos ajustes conceituais, da medicina hipocrático-galênica.

p.92). A glândula pineal tem um importante papel na sensibilidade: podemos dizer que ela é a “passagem” dos estímulos nervosos às percepções na alma. Neste sentido, ela seria o ponto de conexão entre o corpo e o espírito, na compreensão cartesiana. Na interpretação de Williams, “perturbações nos órgãos dos sentidos são transmitidas através do sistema nervoso sensório pelos espíritos animais para a glândula, a qual é agitada e afeta a alma.” (WILLIAMS, 1978, p.281, tradução nossa).

Por estar suspensa entre as cavidades que contêm os espíritos animais, a glândula pineal possui uma grande mobilidade, e isto constitui um fator muito importante no processo das paixões, visto que, sendo aí a sede da alma, esta pode receber tantas impressões quantos forem os movimentos dos nervos e espíritos animais, e, da mesma forma, pode impelir os espíritos animais pelos nervos até os músculos, movendo o corpo. Se esta glândula fosse estática ou pouco móvel, não teríamos com facilidade a diversidade de impressões nela e, por conseguinte, de paixões. Diz Descartes:

A pequena glândula, que é a principal sede da alma, está de tal forma suspensa entre as cavidades que contêm esses espíritos que pode ser movida por eles de tantos modos diversos quantas as diversidades sensíveis nos objetos; mas que pode também ser diversamente movida pela alma, a qual é de tal natureza que recebe em si tantas impressões diversas, isto é, que ela tem tantas percepções diversas quantos diferentes movimentos sobrevêm nessa glândula; como também, reciprocamente, a máquina do corpo é de tal forma composta que, pelo simples fato de ser essa glândula diversamente movida pela alma ou por qualquer outra causa que possa existir, impele os espíritos animais que a circundam para os poros do cérebro, que os conduzem pelos nervos aos músculos, mediante o que ela os leva a mover os membros.⁹ (DESCARTES, 1987a, p.90).

De acordo com Cottingham, Descartes postula a leveza e a mobilidade da glândula pineal porque deseja ver na “sede da alma” algo sensível às flutuações mínimas dos espíritos animais, que funcionam como transmissores neurais em sua teoria do sistema nervoso. (COTTINGHAM, 1995, p.74). Existem duas causas principais que podem mover a glândula pineal: a primeira é a diferença entre os espíritos, pois se eles tivessem a mesma força, eles correriam igualmente em todos os seus poros e a sustentariam inteiramente reta e imóvel. Mas como os espíritos movem-se diferentemente, com intensidades diferentes, a glândula é movida de diferentes maneiras. A segunda causa que pode determinar os movimentos dessa glândula é a ação dos objetos que tocam os sentidos, visto que, conforme a diversidade dos objetos,

⁹ “La petite glande qui est le principal siege le l’âme, est tellement suspendue entre les cavitez qui contiennent ces esprits, qu’elle peut être mue par eux en autant de diverses façons, qu’il y a de diversitez sensibles dans les objets ; mais qu’elle peut aussi être diversement mue par l’âme, laquelle est de telle nature qu’elle reçoit autant de diverses impressions en elle, c’est à dire, qu’elle a autant de diverses perceptions, qu’il arrive de divers mouvements en cette glande. Comme aussi reciproquement la machine du corps est tellement composée, que de cela seul que cette glande est diversement mue par l’âme, ou par telle autre cause que ce puisse être, elle pousse les esprits qui l’entourent vers les pores du cerveau, qui les conduisent par les nerfs dans les muscles, au moyen de quoi elle leur fait mouvoir les membres.” (DESCARTES, AT XI, p.354-355).

diferentes nervos são excitados e diferentes poros são abertos na glândula pineal, dando passagem aos espíritos animais em diferentes lugares dela. (DESCARTES, AT XI, p.129-132).

Dessa forma, a alegria, o amor, a raiva e quaisquer outras emoções são causados por algum movimento dos espíritos, que foram, por sua vez, agitados por objetos que movem nossos nervos ou por outras causas. (DESCARTES, AT XI, p.347). Neste sentido, sentimentos como o ódio, o desejo, o temor, etc., não têm como causa a própria alma. Ainda que relacionados com o espírito, paixões como o medo, por exemplo, têm sua origem fora da mente. É a este tipo de percepção que a doutrina cartesiana denominou *paixão* em sentido estrito, e é a estas que Descartes dedicou sua obra *As Paixões da Alma*, as quais podem ser também denominadas *paixões-emoção*. As *paixões* no *sentido estrito* foram definidas, finalmente, nesse livro, como “percepções, ou sentimentos, ou emoções da alma, que referimos particularmente a ela, e que são causadas, mantidas e fortalecidas por algum movimento dos espíritos”.¹⁰ (DESCARTES, 1987a, p.87).

Desse modo, e com muito mais detalhes do que conseguimos transpor nessas poucas páginas, Descartes procurou investigar todo o caminho percorrido, desde as extremidades dos nervos, pelos quais os sentidos são provocados, até o movimento final dos espíritos animais, que, passando por dentro desses nervos, chegam até a glândula pineal e a movimentam, afetando-a, de modo que essa movimentação é percebida como uma emoção na alma. Assim, a paixão é sentida na alma, mas não pode prescindir do corpo para que seja desencadeada. E é por isso que, para entender essa gênese, faz-se necessário recorrer à medicina, pois é ela que fornecerá esses conhecimentos. Entretanto, estamos cientes, como já dissemos, de que as paixões são um objeto complexo, que envolve também o estudo da alma. A medicina, portanto, não tem como responsabilidade dar conta de uma visão global das paixões. Assim, o que interessa a Descartes buscar nessa ciência é o conhecimento específico de anatomia e fisiologia, que são necessários para compreender as causas das paixões, mesmo que isso não seja a explicação das paixões em si mesmas. Os conhecimentos médicos de Descartes comporão, ainda assim, uma parte imprescindível da explicação da doutrina cartesiana das paixões, visto que — sendo estas um tipo de evento psíquico que nasce da ação do corpo sobre a alma — é necessário considerar o estado do corpo nesta interação, o qual deverá interferir na qualidade dos eventos psíquicos desencadeados.

¹⁰ “Des perceptions ou des sentimens ou des émotions de l’âme, qu’on raporte particulièrement à elle, qui sont causées, entretenues et fortifiées par quelque mouvement des esprits” (DESCARTES, AT XI, p.349).

O que a psicologia cartesiana procurou fazer foi tentar encontrar regularidades e conexões entre estados físicos e emoções na alma. É isso que acreditamos que se mostra necessário destacar, visto que este aspecto é frequentemente deixado para segundo plano, diante dos problemas epistemológicos de interação entre corpo e alma que os críticos apontam na doutrina cartesiana. Em outras palavras, Descartes procurou estudar a etiologia de nossas sensações e emoções no mundo físico, de maneira a empreender um conhecimento preciso da origem das paixões e encontrar as regularidades psicofísicas estabelecidas na ação do corpo sobre a alma. Nessa perspectiva, tornar-se-á possível mostrar como medicina e psicologia estão relacionadas no pensamento de Descartes, uma medicina que está fundamentada na física, muito embora tenha raízes na metafísica, na medida em que Deus, de acordo sua filosofia, é o fundamento que sustenta as certezas e conserva o corpo e todas as coisas naturais. Não obstante a existência de fundamentos metafísicos, o recurso à ciência do corpo para compreendermos as paixões vincula a psicologia cartesiana ao ramo da ciência natural.

Por “filosofia natural” ou “ciência natural” estamos nos referindo ao sentido assumido no contexto do século XVII, que, segundo Hatfield, nessa época, assim como antes dela, destinava-se ao estudo da natureza como um todo. Dessa forma, eram também conhecidas como “física” ou “ciência da natureza”. Isto incluía o estudo de coisas corpóreas, isto quer dizer, do corpo em geral através do mundo inanimado, das plantas e animais, incluindo o animal humano (HATFIELD, 2000, p. 496). Nesse sentido, e no caso do sistema cartesiano, com uma distinção muito clara das substâncias extensa e pensante, a filosofia ou ciência natural seria responsável pelo estudo dos corpos, enquanto a alma, substância ontologicamente distinta do corpo, deveria ser excluída do estudo da física e colocada sob a rubrica da metafísica. E é justamente enquanto as paixões requerem o estudo da alma que a psicologia cartesiana se reveste de um caráter metafísico.

A ligação da psicologia cartesiana com a ciência natural não significa, portanto, requerer ao estudo da alma um conhecimento experimental, isto é, empírico e observacional. Isto seria esquecer os fundamentos metafísicos sobre os quais se apoia, conforme os quais a mente é entendida pelo cartesianismo como uma substância imaterial. A característica natural encontra-se nos limites das bases fisiológicas que, sabemos, é apenas uma parte da teoria cartesiana das paixões. E com toda a especulação que esse estudo das condições físicas das emoções no pensamento de Descartes possa conter, ainda assim sua proposta é a de buscar na fisiologia, isto é, na ciência ou filosofia natural, um conhecimento mais preciso da psicologia, porque é o que proporciona o estudo das causas das paixões. Isto não implica que a psicologia cartesiana

possa ser quantitativa, pois isto seria um contrassenso, mas fundada no estudo da *physis* ou uma ciência da natureza; ou seja, a vinculação com o ramo natural não significa ser absorvida pela medicina, mas apoiada nela.

A tese somática cartesiana nos faz perceber que o corpo é essencial para as paixões e, portanto, seu estudo é fundamental para a psicologia, tanto quanto a alma. Isto significa que a psicologia cartesiana não recai nos parâmetros puramente metafísicos. Mesmo com sua parcela de especulação atribuída posteriormente aos conhecimentos biológicos de Descartes, a teoria cartesiana das paixões procura um caminho de conhecimento do funcionamento e da descrição das paixões. Comprometido em investigar as regularidades do fenômeno passional, como um cientista se preocupa, a intenção de Descartes é a de promover uma ciência das paixões, antes de tratar de suas questões morais. A ênfase no estudo do corpo, como estamos chamando atenção, mostra que, embora no campo da teoria das paixões Descartes seja mais conhecido pelo problema da relação entre mente e corpo, de modo que seu dualismo de substância promova uma perspectiva não muito bem aceita acerca da mente, a tese somática é o esforço de fazer uma investigação detalhada das bases fisiológicas das paixões, permitindo inspirar uma psicologia que conjuga empiria e metafísica. Como diz Hatfield (2000, p.631), não obstante seu dualismo, a doutrina cartesiana continuou uma tradição estabelecida de tratamento das emoções sujeita à investigação empírica e, exatamente em virtude do dualismo, iniciou uma nova perspectiva de pensamento na busca de específicas leis psicofísicas, isto é, leis que estabelecem uma vinculação entre estados corporais e estados mentais. É, então, nisto que, ao nosso ver, consistirá a especificidade da teoria cartesiana das paixões: fomentar uma psicologia apoiada na fisiologia, sem, no entanto, negar às emoções uma experiência subjetiva. Dessa forma, apesar do seu dualismo, Descartes contribui para a construção do caminho de uma psicologia não puramente metafísica e tampouco totalmente empírica, mas de uma ciência da alma que se apoia na medicina do corpo.

Sabemos, no entanto, que o corpo não é causa exclusiva das paixões. A alma também poderá intervir no surgimento e controle das emoções. Mas tudo o que ela fizer, no que diz respeito ao despertar de paixões, será intermediado pelo corpo. Dessa forma, podemos pensar que uma terapêutica das emoções pode derivar também de uma terapia somática. De fato, Descartes não chegou a propor uma terapia como tal. Pelo contrário, ele enfatizou o papel da alma no controle das emoções, por meio do despertar de emoções contrárias. E sobre isso, muito já se falou na literatura a respeito da doutrina cartesiana. No entanto, a partir de nosso estudo podemos inferir que, se o somatismo é justamente a ideia de uma predisposição somática das

emoções, poderíamos também alterar essa disposição pelo controle das condições físicas. Uma terapia somática poderia não ser uma terapêutica exclusiva das emoções, mas sem dúvida poderia servir em seu auxílio; afinal, o conhecimento da etiologia das paixões fornece meios para isso.

O estudo das bases fisiológicas, apesar de não constituir a totalidade da doutrina cartesiana das paixões, mostra como a psicologia de Descartes deve ser entendida como ciência do composto corpo e alma, e não apenas da *psykhé*. Assim, da mesma forma que a psicologia pode contribuir para a medicina, pois os avisos dos sentidos contribuem para a manutenção do composto humano, esta mostrou-se fundamental para o estudo das emoções. Descartes mostra, com o conhecimento médico disponível na sua época, que as emoções estão sujeitas a condições físicas, sendo, portanto, uma base necessária, embora não suficiente, para explicar o seu surgimento. Com isso, saímos de uma visão puramente metafísica da psicologia para uma perspectiva na qual é incorporada a empiria. Isto é o que uma psicologia guiada pelo *physicien* permite fazer.

É verdade que Descartes teve que abrir mão da exclusividade de tratar as paixões *seulement en physicien*. Isto fica evidenciado pelas questões morais que ele acabou se rendendo ao discuti-las no tratado d'*As Paixões*, muito embora não fosse nosso objetivo discuti-las neste trabalho. Contudo, reconhecemos que uma das grandes contribuições de Descartes a este assunto veio exatamente de sua proposta de orientação pelo *physicien*, pela qual ele pretende fazer uma geometria das paixões, enquadrada nos parâmetros metafísicos de sua doutrina. Ou seja, a doutrina cartesiana torna particular a tarefa de investigar os eventos psicofísicos, aspirando a um certo grau de certeza na sua explicação, fundamentando seu estudo na distinção clara do corpo e da alma. A especificidade de Descartes para esses questionamentos é a de incorporar a tese somática nestas explicações e a de pensá-la no paradigma da união mente-corpo, sem perder o fundamento dualista metafísico que a norteia.

Considerações finais

Refletindo sobre o alcance dessas ideias, não podemos deixar de observar que a ideia de uma relação da psicologia com a medicina nos remete ao século XIX e início do século XX. Este é considerado o momento da construção da chamada nova psicologia, em que é marcante a proposta da vinculação desta com a fisiologia. Nesta época, a psicologia surge, no projeto de inúmeros psicólogos e fisiólogos, como disciplina independente e científica: independente, porque procura distanciar-se da filosofia e da metafísica; científica, porque busca oferecer à

psicologia um método experimental. Como lembra Dutra, a fundação do Psychologisches Institut, em 1897, em Leipzig, por Wundt, é reconhecida, pela maioria dos historiadores da psicologia, como o marco inicial da psicologia como ciência empírica. Já na França, na mesma época, Claude Bernard e Théodule Ribot¹¹ são os maiores responsáveis pelo projeto de criação da psicologia baseada na fisiologia (DUTRA, 2003, p.72-73). A ideia da psicofisiologia de Ribot prevê uma continuidade entre o físico (fisiológico) e o psicológico (moral e cultural), rejeitando a psicologia metafísica de estudo da alma como essência abstrata (FREZZATTI, 2010, §2).

Dessa forma, dois pontos podem ser considerados. Certamente que a posição cartesiana não será aceita pelos psicólogos e fisiólogos adeptos desse projeto do nascimento da psicologia experimental, justamente porque eles se opõem, de maneira geral, à compreensão da alma como coisa imaterial, defendida pelo dualismo cartesiano. Devido a esta concepção metafísica da mente, torna-se inviável a instauração da psicologia como uma ciência experimental, propondo-se, como fez Claude Bernard, a psicologia como um capítulo especial da fisiologia (DUTRA, 2003, p.71).

Porém, chamamos a atenção para que percebamos que as críticas feitas nesse sentido, embora concordemos com elas, enfatizam um aspecto sem dúvida importante, mas não o único existente na doutrina cartesiana das paixões. Com o estudo das bases fisiológicas das emoções, é possível perceber que Descartes também propôs que a psicologia se construísse amparada na empiria. Dessa forma, apesar de darmos razão à psicologia filosófica que considera Descartes um mentalista — ou seja, aquele que concebe a mente como uma substância não física, e que, por isso, faria da psicologia um estudo metafísico dos fenômenos da consciência —, nosso estudo procura mostrar que a doutrina cartesiana apresentou, também, uma psicologia elaborada na relação à empiria e, portanto, com as ciências naturais. Certamente, a psicologia cartesiana não seria uma extensão da fisiologia, como pensaram muitos adeptos desse projeto de psicologia experimental, mas mostrou que deve estar também apoiada na ciência do corpo.

É necessário reconhecermos, contudo, a fisiologia em seu contexto, pois, na doutrina cartesiana, o fundamento de todas as ciências é Deus e, igualmente por este motivo, ela é metafísica. Portanto, relacionar psicologia com fisiologia, para a psicologia experimental do século XIX, segundo a qual somente fatos empíricos deveriam ser considerados, não é o mesmo

¹¹ Claude Bernard e, depois, Ribot assumem a cátedra de Psicologia Experimental e Comparada no Collège de France (DUTRA, 2003, p.73). Ribot também fundou o periódico *Revue Philosophique de la France e de l'Étranger*, em 1876, no qual se discutia o estatuto da psicologia e suas relações com as ciências naturais e a filosofia. Nesta revista, seu fundador tinha a intenção de divulgar a *nova psicologia* (positivista e científica) em substituição à *velha psicologia* (espiritualista e metafísica, isto é, filosófica) (FREZZATTI, 2010, § 8 e 9).

que Descartes fez. Os aspectos metafísicos nunca poderão ser negados à doutrina cartesiana das paixões. Por outro lado, o que salientamos é que a psicologia cartesiana não pode ser resumida apenas a isto. Ela é também uma tentativa de encontrar uma relação causal entre processos físicos e psíquicos, e de torná-la de algum modo científica — não, é claro, no modelo da psicologia como ciência empírica do século XIX. Trata-se da elaboração de uma proposta muito particular, que é a de encontrar causas orgânicas às emoções, sem reduzi-las à matéria.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

COTTINGHAM, John. *Dicionário Descartes*. Trad. Helena Martins. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1995.

DESCARTES, René. *As Paixões da Alma*. Trad. J. Guinsburg e Bento Prado Júnior. São Paulo: Abril Cultural, 1987a. (Coleção Os Pensadores).

_____. *Correspondance Descartes a Elisabeth 6 octobre 1645*. In : *Œuvres de Descartes*. ADAM et TANNERY (Ed.). vol. IV. Paris: Librairie Philosophique J. Vrin, 1996, p.304-317.

_____. *Discours*. In : *Œuvres de Descartes*. ADAM et TANNERY (Ed.). vol. VI. Paris: Librairie Philosophique J. Vrin, 1996, p.1-78.

_____. *Discurso do Método*. Tradução J. Guinsburg e Bento Prado Júnior. 4. ed. São Paulo : Nova Cultural, 1987b. (Coleção Os Pensadores).

_____. *Passions*. In : *Œuvres de Descartes*. ADAM et TANNERY (Ed.). vol. XI. Paris: Librairie Philosophique J. Vrin, 1996, p.291-497.

_____. *Traité de l'homme*. In : *Œuvres de Descartes*. ADAM et TANNERY (Ed.). vol. XI. Paris: Librairie Philosophique J. Vrin, 1996, p.119-215.

DUTRA, Luiz Henrique. Claude Bernard e a Psicologia Experimental. Manuscrito – *Revista Internacional de Filosofia*, Campinas, v. 26, n. 1, p. 71-111, jan.-jun. 2003, p. 71-111.

FREZZATTI JÚNIOR, Wilson. Nietzsche and Théodule Ribot : psicologia e superação da metafísica. *Natureza Humana*, São Paulo, v. 12, n. 2, 2010.

HATFIELD, Gary. Descartes' Naturalism About the Mental. In: GAUKROGER, Stephen; SCHUSTER, John; SUTTON John (Ed.). *Descartes' Natural Philosophy*. London: Routledge: 2000. p. 630-658.

KAMBOUCHNER, Denis. *L'Homme des Passions: Commentaires sur Descartes*. Vol I – Analytique. Paris : Albin Michel S.A, 1995.

SILVA, Franklin Leopoldo e. *Descartes: a metafísica da modernidade*. São Paulo: Moderna, 1993 (Coleção Logos).

WILLIAMS, Bernard. *Descartes: The Project of Pure Enquiry*. Middlesex: Penguin Books, 1978.